

Sarney acha que PDS unido ganha eleição

Lourenço Cazarré,
enviado especial

Natal — Se o presidente nacional do PDS, senador José Sarney, conseguir unir as lideranças do seu partido no Rio Grande do Norte, a vitória será tranquila em 1982. Se todas as várias alas pedessistas do Estado — os Maia, os Rosado, o senador Dinarte Mariz e o deputado Carlos Alberto — resolverem apoiar um candidato único, o ex-governador Aluizio Alves, considerado o principal político do Estado e que atualmente está no PP, será derrotado.

José Sarney deixa Natal com um ponto positivo: todos os grupos acham que é hora de renovação e que deve ser lançado um candidato jovem. Entretanto, antes da eleição de 1982, o trabalho de união deve ser aprofundado já que há vários candidatos cotados e todos em condições de aspirarem à indicação pelo partido.

Na intrincada política potiguar já se vive hoje um clima de véspera de eleição. Nada menos de sete nomes — todos jovens e com cacife político já são comentados. Há dois deputados federais, o prefeito da capital, o presidente da Assembléia Legislativa, o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, o vice-governador, e o reitor da universidade.

OS CANDIDATOS

No momento os dois nomes mais citados são dos deputados federais Carlos Alberto e João Faustino. Carlos Alberto, 35 anos, lançou sua candidatura quando ainda estava no PMDB. Seus cacifes eleitorais são: o mais votado deputado em Natal (que representa um terço do eleitorado estadual), o mais votado da oposição e não é ligado a nenhuma das antigas lideranças. Aparentemente ele não tem arestas mas, se mantém calado, esperando a hora de surgir como um fator de união. O outro deputado, João Faustino, 38 anos, foi o mais votado na última eleição: teve 70 mil votos. Antes, ocupava a Secretaria de Educação. É ligado ao grupo Maia, cujo chefe principal é o ex-governador Tarcísio Maia. Isso poderá prejudicá-lo junto às demais lideranças.

O terceiro nome é o do presidente da Assembléia Legislativa, Carlos Augusto Rosado, eleito recentemente como tertius de uma disputa que envolvia dois outros pedessistas, ambos ligados aos Maia, mas, um deles contando com apoio de parte do PP de Aluizio Alves. Sua eleição, apoiada já por outra facção do PP, serviu para trazer de volta ao partido a família Rosado, com forte domínio eleitoral no oeste do Estado, mas afastadas nos últimos anos, com a indicação sucessiva de dois Maia para o governo.

O prefeito da capital, José Agripino Maia, 36 anos, está em grande ascensão política. Sua administração é muito elogiada e ele tem grande penetração popular. O que poderia ser o seu principal cacife é justamente o que mais o prejudica: ele é filho de Tarcísio Maia, o chefe da clã. Sua candi-

data é considerada bastante remota porque significaria a presença, consecutiva, de um terceiro Maia à frente do governo estadual o que afastaria da campanha os demais grupos do PDS. O lançamento da candidatura de José Agripino Maia é mais um fato pitoresco da complicada política deste Estado: ele foi lançado por seu tio João Agripino, ex-governador da Paraíba, que atualmente está no PP.

O vice-governador Geraldo José de Melo tem o apoio das duas correntes antagônicas, Maia e Rosado. Geraldo José de Melo, porém, já foi ligado a Luiz Alves. Ele próprio lançou sua candidatura. É mais um detalhe curioso, lançou também a candidatura do prefeito da capital. Suas chances, diz-se em Natal, são muito boas.

O principal trunfo do presidente da Federação das Indústrias e Comércio, Fernando Bezerra, pode ser o fato de não estar ligado a nenhuma das principais facções. Não teve nenhum cargo eletivo, mas é irmão do ex-deputado (falecido) Aluizio Bezerra. Sua família é oriunda da região do agreste.

O último candidato neste labirinto político é o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Diógenes Cunha Lima, um jovem advogado muito bem conceituado. Emboa aparentemente não tenha relação com nenhum dos grupos sabe-se que ele teria o apoio do senador Dinarte Mariz.

OPOSIÇÃO

O potiguar é dos nordestinos o que mais se engaja politicamente, assegura o deputado Djalma Marinho. Antes da revolução de 1964, ou se era partidário de Aluizio Alves ou de Dinarte Mariz. Nos últimos anos, entretanto, começou a surgir, com o governador Tarcísio Maia, uma nova liderança.

Ainda hoje, Aluizio Alves é o político, mais forte isoladamente. Porém, com a união de todas as facções pedessistas, ele poderá perder em 1982. E as chances de coligação com o PMDB são mínimas já que há incompatibilidade entre Aluizio Alves e o senador Agenor Maria, o líder do PMDB, o partido mais fraco e considerado aqui como em vias de extinção.

Aluizio Alves é temido pelos governistas que reconhecem sua grande capacidade de articulação. Porém ele arca com o desgaste da última eleição para o Senado em 1978 quando (então no MDB) apoiou e elegeu o candidato da antiga Arena, Jessé Pinto Freire, derrotando Radir Pereira. Com isso, ele que estava cassado teve oportunidade de voltar aos palanques preparando o seu retorno à cena política que se dará agora nas próximas eleições. Esse gesto, dizem os governistas, poderá trazer muitos prejuízos a Aluizio Alves, mas ressaltam — só se verá depois de abertas as urnas.

su
te
n
c
ii
n
d
é
f.

u
F
C
I
S
e
t
c

te
t

e

3

f

f

o

e

f

t

c

d